

**O MICAS VAI AO
SUPERMERCADO**

Malaquias Sementes

© 2025 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
O MICAS VAI AO SUPERMERCADO

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2025 (1.ª Edição)
Referência Interna SP2025.008 17.03.2025 15:37
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei dos direitos de autor.



Agradecimentos

Aos meus pais, não pelo mero facto de existirem, mas por terem forjado em mim a bússola que não vacila, a coragem de dizer não quando o mundo insiste em sim e a recusa de aceitar a mediocridade como preço da paz. Ensinaram-me que o pensamento, quando alinhado com a verdade, é um ato de resistência. A eles, que nunca me quiseram submisso, mas justo.

À minha irmã, que carrega nos gestos e nas palavras a mesma centelha que me consome. Ela, que não apenas compreende a mente humana, mas a desafia, que educa como quem constrói alicerces invisíveis e que não ensina a obediência cega, mas a inteligência feroz. E agora, com a Maria Victória nos braços, tem a missão de plantar, desde cedo, a semente da integridade numa terra que teima em ser árida.

À minha restante família, que sempre caminhou ao meu lado, não como sombras passivas, mas como vozes atentas, como presença que sustenta e como memória viva daquilo que nos torna gente.

Às pessoas que me aturam, às que ouvem as minhas histórias e não se limitam a acenar com a cabeça, mas que discutem, argumentam e questionam,

desconstruindo as minhas certezas como um escultor que desfaz a pedra bruta para revelar a forma escondida. Aos que sabem que contar histórias não é apenas uma questão de palavras, mas de provocar pensamentos.

Ao mundo, esse tabuleiro instável de regras inventadas, que me empurra, me testa e me obriga a redefinir a minha própria força. Aos que me desafiaram – por maldade ou por descuido –, porque sem eles eu não teria aprendido a cair e a levantar-me, a endurecer sem perder a empatia e a perceber que o caos pode ser compreendido, mas nunca domesticado.

E, sobretudo, a quem ainda não desistiu. Aos que acreditam que a luta não é perda de tempo, que a dignidade não é moeda de troca e que o futuro se constrói sem a ilusão de atalhos fáceis. A quem lê e pensa, porque pensar é o mais perigoso dos atos.

Este livro é um pedaço de tudo isso.

Aos pais,

que empurram carrinhos de supermercado como quem carrega o mundo às costas, errando entre prateleiras de luz fria e corredores de promessas embaladas a vácuo. Aos que seguram pequenas mãos pegajosas enquanto escolhem maçãs, aos que explicam porque hoje não se pode levar o chocolate, mas talvez no próximo sábado, se o tempo estiver bom e a paciência for longa.

A vós, que criais seres humanos que não aprendem apenas a somar preços, mas também gestos. Que sabem calcular não só descontos, mas desigualdades. Que percebem, com um olhar rápido, a diferença de tom com que a caixa fala com o homem de casaco coçado à frente na fila. A vós, que ensinai que devolver o troco a mais não é sobre regras, mas sobre rectidão. Que mostrais que a cidade pertence a quem a pisa sem medo. Que fazeis do cansaço um ofício e da ternura um ofício ainda maior.

Aqui, neste livro que exala um cheiro indeciso entre lixívia e pão quente, ensina-se muito mais do que a economia do mês. Ensina-se o peso das escolhas, o sabor da espera, a gramática das trocas silenciosas entre mãe e filho, entre pai e filha, entre um estranho e outro que, por um instante, partilham o mesmo ar de supermercado.

Este livro é para vós, artífices do quotidiano, escultores de futuros e construtores de gente.